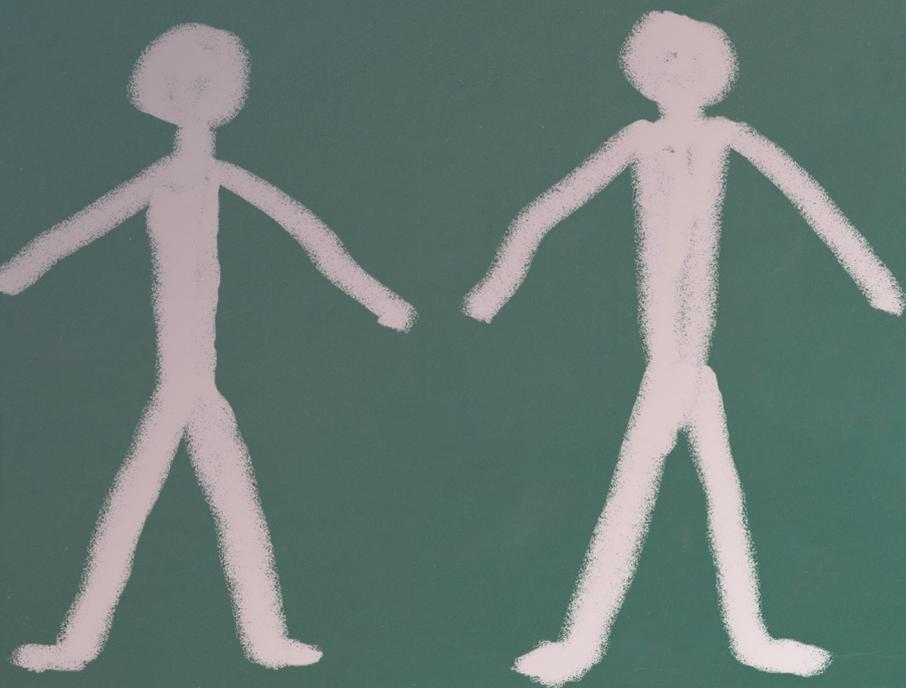


# **Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 5**

---

**Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 5

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
5 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-165-7

DOI 10.22533/at.ed.657191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume V apresenta, em seus 36 capítulos os estudos mais recentes sobre as aplicações jurídicas, da psicologia, da ética e da comunicação na sociedade contemporânea.

A áreas temáticas deste livro mostram as aplicações dos estudos jurídicos sobre o cotidiano e o impacto de políticas inclusivas na construção dos espaços sociais modernos. Além disso a obra ressalta a importância das abordagens da ética e sociologia.

No segundo momentos são agrupados os estudos emergentes na área da psicologia e dos processos de comunicação e sua contribuição na construção de um ambiente pautado na educação, inclusão e participação ativa dos grupos sociais.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE NO DIREITO	
Elizabeth Alves Brito Rafaela da Cunha Cavalcanti Ranulfo Barbosa Santos Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A APLICAÇÃO DA TEORIA DO INADIMPLEMENTO MÍNIMO, OU ADIMPLEMENTO SUBSTANCIAL, AO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO: CONCEITUAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO	
Luiz Mesquita de Almeida Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
A CONCENTRAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ACUSAR E INVESTIGAR: “PODERES” INVESTIGATÓRIOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO	
Luiza Reiniger Severo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
NOVAS LEIS PARA RESOLVER VELHOS PROBLEMAS - A EFETIVIDADE DA LEI E SUAS IMPLICAÇÕES COM O ADVENTO DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL	
Gisele Beran Medella D’Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
NEGÓCIOS PROCESSUAIS A PARTIR DO CPC/15: ALCANCES E LIMITES SOB A PERSPECTIVA DA BOA-FÉ E DA SEGURANÇA JURÍDICA	
Nathally Bianque Lopes Pereira Luciano Souto Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
EXECUÇÃO PENAL NO BRASIL E DIREITOS HUMANOS: UMA RELAÇÃO ANTAGÔNICA NA PRÁXIS	
Gabriel Pereira de Carvalho Gustavo de Assis Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
O INSTITUTO DA FEDERALIZAÇÃO DAS GRAVES VIOLAÇÕES AOS DIREITOS HUMANOS	
Denis Roberto Peçanha de Sant’Anna Almeida Luiz Felipe Barboza Domingues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
A SITUAÇÃO CARCERÁRIA E A JUSTICIABILIDADE DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE	
Karla Tayumi Ishiy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911038</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 90**

A FUNÇÃO SOCIAL E O EQUILÍBRIO CONTRATUAL NAS RELAÇÕES MASSIFICADAS DE CONSUMO

Marcelly Alves Araújo  
Marina Arantes de Souza  
Vitor Lemes Castro

**DOI 10.22533/at.ed.6571911039**

**CAPÍTULO 10 ..... 100**

A CONSTITUCIONALIDADE DAS NOVAS BIOTECNOLOGIAS AO SISTEMA AGROALIMENTAR BRASILEIRO

Ana Carolina de Moraes Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.65719110310**

**CAPÍTULO 11 ..... 115**

SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO NA INDÚSTRIA SALINEIRA: ESTUDO DE CASO EM UMA SALINA DO MUNICÍPIO DE MACAU/RN

Brenno Dayano Azevedo da Silveira  
Priscylla Cinthya Alves Gondim  
Rogerio Taygra Fernandes Vasconcelos  
Almir Mariano de Sousa Junior

**DOI 10.22533/at.ed.65719110311**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

O FORO POR PRERROGATIVA DE FUNÇÃO E SUA (DES)HARMONIA COM O SISTEMA CONSTITUCIONAL PÁTRIO

Guilherme Giovane Alves Taets  
Raissa Dias Timóteo  
Ana Cristina Magalhães Araújo Gorgulho

**DOI 10.22533/at.ed.65719110312**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

O IMPACTO DO CASO “A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO (OLMEDO JUSTO E OUTROS) VS. CHILE” COMO MARCO DA INFLUÊNCIA DA JURISPRUDÊNCIA INTERNACIONAL EM PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

Beatriz Mendes Niyama  
Gabriel Luís Massutti de Toledo Leme

**DOI 10.22533/at.ed.65719110313**

**CAPÍTULO 14 ..... 143**

PRECONCEITOS DE GÊNERO E SUA MANIFESTAÇÃO NAS DECISÕES JUDICIAIS BRASILEIRAS

Natália de Souza e Mello Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.65719110314**

**CAPÍTULO 15 ..... 145**

O RECONHECIMENTO DO CASAMENTO DE CASAIS COM SEXUALIDADES FORA DA NORMA: DO PROJETO DE LEI Nº 1.151 DE 1995 À RESOLUÇÃO Nº 175 DE 2013

José Aélson Pereira de Araújo  
Carolina Quarteu Rivera

**DOI 10.22533/at.ed.65719110315**

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>153</b>
O PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA APLICADO NA LEI MARIA DA PENHA	
Antônia Alice Soares Araújo	
Iáscaro Alves Campelo	
Milton Sávio Melo Souto do Monte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>165</b>
BILHETES/ <i>BEREUS</i> COMO AGENCIAMENTO PARA COMUNICAR NECESSIDADES DE SAÚDE EM PENITENCIÁRIA, MATO GROSSO	
Reni Aparecida Barsaglini	
Emília Carvalho Leitão Biato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>177</b>
REDE: UMA CATEGORIA EM ANÁLISE	
Edjavane da Rocha Rodrigues de Andrade	
Maria de Fátima Leite Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>188</b>
A EFETIVIDADE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESTATUTO DO IDOSO COMO GARANTIA AOS DIREITOS SOCIAIS	
Priscilla Roberta Alves Diniz	
Andrea Silvana Fernandes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>199</b>
GESTÃO DE MOBILIDADE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA TRECHEIROS EM CIDADES PEQUENAS	
Cledione Jacinto de Freitas.	
José Sterza Justo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>214</b>
PERFIL DE ACESSIBILIDADE NOS RESTAURANTES E HOTEIS DA ORLA MARITIMA DE JOÃO PESSOA: VERIFICAÇÃO DA IMPLANTAÇÃO DE MEDIDAS DE ACESSIBILIDADE	
Yakey Santos da Silva	
Francielly Sales da Silva	
Paula Dutra Leão de Menezes	
Patrícia Pinheiro Fernandes Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O PROTAGONISMO DE IDOSAS FRENTE A CATÁSTROFES NATURAIS: A RESILIÊNCIA EM QUESTÃO	
Leda Nardi	
Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110322</b>	

**CAPÍTULO 23 ..... 238**

OMÉDICOVETERINÁRIONONASF: SUA IMPORTÂNCIA NA PREVENÇÃO DE ANTROPOZOONOSES E A ATUAL SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PETROLINA (PE) – REVISÃO DE LITERATURA

Lorena Maria Souza Rosas  
Larissa de Sá Carvalho  
Raisa Maria Souza Rosas  
Vanessa Souza Inoue  
Ana Caroline dos Santos  
Lucas da Silva Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.65719110323**

**CAPÍTULO 24 ..... 246**

SOBRE O LUTO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

André Victor Machado  
Camila da Silva Ferrão  
Giovanna Silva Segalla  
Maria Virginia Filomena Cremasco

**DOI 10.22533/at.ed.65719110324**

**CAPÍTULO 25 ..... 262**

O PREÇO PELA EXPANSÃO DOS HORIZONTES FEMININOS: UMA ANÁLISE DIFERENCIADA DO ESTRESSE, OS MÚLTIPLOS PAPÉIS E A SOMATIZAÇÃO

Paula Beatriz Viana  
Cristiane Camargo de Oliveira Brito

**DOI 10.22533/at.ed.65719110325**

**CAPÍTULO 26 ..... 270**

A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA: AS MULHERES IDOSAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110326**

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS ATRAVÉS DE GRUPOS DE PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE HELIÓPOLIS/BA

Vanderleia Alves de Oliveira  
Acácia Batista Dias  
Ildes Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110327**

**CAPÍTULO 28 ..... 296**

PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE VALENTE

Diana Paula Nunes do Carmo  
Acácia Batista Dias  
Ildes Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110328**

**CAPÍTULO 29 ..... 310**

A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO NÃO VIOLENTA DE CONFLITOS: CULTURA DE PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR

Alan Willian Leonio da Silva  
Lúcio Mauro da Cruz Tunice

**DOI 10.22533/at.ed.65719110329**

<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
A DIDÁTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS ABORDAGENS DE ENSINO HUMANISTA E SOCIOCULTURAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Edna Maria Querido de Oliveira Chamon Maria Aparecida Campos Diniz de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110330</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>323</b>
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEMÁTICA AMBIENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110331</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>334</b>
A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA MÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODER DE INFLUÊNCIA DA MÍDIA BRASILEIRA, EM UM DEBATE COMPARATIVO ENTRE A REFORMA TRABALHISTA E A CONDENAÇÃO DE LULA	
Hellen Cristina Silva de Oliveira Raphael dos Santos Freitas Victor Pimenta Bueno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110332</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: A REGULAMENTAÇÃO DA MÍDIA NO BRASIL	
Márcio de Oliveira Guerra Vitor Pereira de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110333</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>357</b>
PUBLICIDADE E MEDIATIZAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA	
Diogo Rógora Kawano Leandro Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110334</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>371</b>
SE EU TEMO, ENTÃO VOCÊ TAMBÉM VAI TER MEDO DE PERDER: OS BENS DE FORTUNA E A “PUBLICIDADE DE CHOQUE”	
Danielle Cândido Maria Virgínia Borges Amaral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110335</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>384</b>
UMA PITADA DE RÁDIO NA POLÍTICA BRASILEIRA	
Luciana Antunes Renato Teixeira Elvis W Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110336</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>392</b>

## A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS ATRAVÉS DE GRUPOS DE PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE HELIÓPOLIS/BA

### **Vanderleia Alves de Oliveira**

Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia.  
Feira de Santana – Bahia

### **Acácia Batista Dias**

Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia.  
Feira de Santana – Bahia

### **Ildes Ferreira de Oliveira**

Universidade Estadual de Feira de Santana,  
Departamento de Ciências Humanas e Filosofia.  
Feira de Santana – Bahia

**RESUMO:** O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada no município de Heliópolis, Bahia. O estudo se baseou na análise de como o acesso às políticas públicas por grupos produtivos de mulheres rurais contribui no processo de empoderamento e politização dessas mulheres. Considera-se a relevância do conhecimento das relações sociais e produtivas de gênero na esfera rural, haja vista a necessidade de debater as condições sociais de mulheres e homens. O trabalho trata de um estudo qualitativo e para atingir o objetivo proposto foram realizadas visitas de campo, leituras e fichamentos, bem como entrevistas semiestruturadas com as mulheres rurais. A inserção no grupo/associação proporciona uma mudança de perspectiva acerca do seu

papel na sociedade, essas mulheres passam a vislumbrar melhores condições para a sua vida, bem como a ocupação de espaços de decisão. A participação nessa esfera se caracteriza como uma ação política e dá um novo significado ao seu papel enquanto sujeito no espaço público e privado. No processo de pesquisa pôde-se constatar que quando estão em grupos ou até mesmo no processo de construção dos mesmos, as mulheres têm uma mudança acerca do seu papel na sociedade, enxergam-se mais fortes e com maiores possibilidades de atingir os seus objetivos. Dessa forma, os grupos se apresentam como um catalisador da situação de opressão e desigualdade em que estas se encontram.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres rurais; Empoderamento; Grupo produtivo.

**ABSTRACT:** This article is the result of a survey carried out in the municipality of Heliópolis, Bahia. The study was based on to analyse how the access to public policies by productive groups of women, contribute to their process of empowerment and politicization. It considers the relevance of the knowledge about social and productive gender relations in a rural area, whereas the need to discuss the social conditions of women and men. The work is a qualitative study and to reach the proposed objectives was made field visits, readings and

registration, as well as semi structured interview with the rural women. The insertion in the group / association will provide the women a change of perspective on their role in society, they begin to see better conditions for their lives, as well as the occupation of decision spaces. The participation in this sphere presents itself as a political action and gives a new meaning to his role as subject in a public and private space. In the research process, it was verified that when they was in group or in the construction process of it, women have a change about your role in society, seeing yourself stronger and with greater possibilities to reach their goals. Thus, groups present themselves with a catalyst of the oppression and inequality in which they find themselves.

**KEYWORDS:** Rural women; Empowerment; Productive groups.

## 1 | INTRODUÇÃO

A luta das mulheres por visibilidade social e equidade de gênero transcorre há muito tempo e elas têm conquistado espaços que historicamente lhes fora negado. De acordo com Gonzales (2011), a entrada da mulher no mercado de trabalho aparece como um elemento importante na busca da independência econômica, política e social das mesmas, mas o emprego assalariado nem sempre elimina as desigualdades socioeconômicas entre homens e mulheres. Não raro, o mercado de trabalho apresenta-se como mais um espaço de repetição das relações hierárquicas de soberania entre os sexos, visto que, por diversas vezes a inserção da mulher é designada por discriminações, disparidades salariais e pela desqualificação das ocupações que adentram. Conforme Sales (2007), no que se refere à mulher rural e ao trabalho realizado, observa-se que apesar da forte presença feminina nas atividades vinculadas a agricultura, não há uma valorização da sua participação. Mesmo atuando nas atividades rurais desde a infância, essas não têm o seu trabalho reconhecido, sendo esse reduzido apenas à condição de uma ajuda, além de permanecer invisível socialmente.

O estudo acerca das relações sociais e produtivas de gênero na esfera rural é relevante, visto que há necessidade de debater as condições sociais de mulheres e homens inseridos nesse espaço, para que assim se busque ações que favoreçam a redução das desigualdades existentes. Dessa forma, pôr à vista tais assimetrias é o que deve primeiro ocorrer, a fim de superá-las e avançar nas reparações das injustiças sofridas pelas mulheres. Assim, os grupos se apresentam com uma tentativa de diminuir a situação de opressão e desigualdade em que estas se encontram.

Serrano (2014) destaca que a divisão sexual e social do trabalho se mostra como fator preponderante para construção histórica das desigualdades sobre as mulheres. As relações de gênero na sociedade patriarcal integra a prática social das diferenças que podem ser relacionadas à naturalização de atributos sociais para o sexo masculino e o feminino. É a partir dessas divisões que se originam as diferenças, desde o momento em que o sujeito passa a ocupar níveis hierarquicamente distintos na estrutura social,

política e econômica da sociedade.

Para a produção desse trabalho realizou-se uma aproximação com os estudos sobre a atuação das mulheres nos movimentos rurais, observando de que modo estes podem romper a barreira da invisibilidade feminina; como a inserção no grupo/ associação pode promover nas mulheres uma consciência sobre as desigualdades vivenciadas e de que forma este despertar promove o empoderamento feminino.

O trabalho de campo se baseou na visita aos grupos produtivos e associações no município de Heliópolis, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com as integrantes, com o intuito de saber: como ocorreu a sua formação, número de integrantes, ações desenvolvidas e o impacto do trabalho coletivo na vida das mulheres. O município em questão está situado no Território de Identidade Semiárido Nordeste II e, segundo o último Censo Demográfico (IBGE, 2010), a sua população é de 13.192 habitantes distribuídos em uma área territorial de 338,797 Km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 38,4 hab./km<sup>2</sup>. Dos 13.192 habitantes, 6.666 são homens e 6.526 são mulheres, deste total 60,7% dos homens e 56,9% das mulheres moram na zona rural, revelando assim a prevalência de residentes na área rural.

Esta pesquisa contou com o apoio do Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial (NEDET) implantado a partir da pesquisa “SERTÃO FORTE: Desenvolvimento Territorial Sustentável”, apoiada pela Chamada Pública CNPq/MDA/SPM-PR N° 11/2014 - (Processo CNPq n° 463080/2014-9).

## **2 | MULHERES RURAIS, NA LUTA E DE LUTA: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DOS GRUPOS E ASSOCIAÇÕES**

A partir do levantamento realizado com o apoio da equipe do NEDET do Semiárido Nordeste II e com o auxílio de um representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município foi identificado um total de cinco grupos/associações: Grupo de Mulheres de Santos Dumont (Povoado Santos Dumont); Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart (Povoado de Massaranduba); Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira (Povoado Viuveira) e dois grupos ainda em construção que tem a mesma nomenclatura - Matrizes Africanas, mas situam-se em locais distintos, a saber, nos Povoados de Valérias e Floresta.

O Grupo de Mulheres de Santos Dumont, atualmente possui 15 mulheres (no que tange ao ano de iniciação, a entrevistada não soube relatar), sua produção está relacionada à costura e artesanatos. Neste grupo são confeccionados produtos de cama, mesa e banho e bonecas artesanais. O grupo foi beneficiado pela aquisição de quatro máquinas de costura, junto com outras associações do município, por intermédio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Os produtos ficam armazenados na sede do grupo, a qual é situada no povoado de Santos Dumont e a comercialização dos produtos é realizada de porta em porta e em feiras/eventos.

A Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart se iniciou ano de 2002, no momento em que foi implantada uma associação de agricultores do povoado, e por existir pessoas que realizavam trabalhos artesanais, foi construída a associação, por intermédio do integrante do sindicato. Uma das associadas relata: *O senhor Pereira nos convidou para tá organizando um grupo e foi daí que formalizou (J.B. C, 41 anos, Professora e integrante da Associação)*. Atualmente conta com 16 pessoas, a maioria mulheres. Os produtos produzidos por esta associação são de cama, mesa e banho, e são confeccionadas também bonecas de pano, sendo a comercialização realizada de porta em porta e, no momento, o Centro Público de Economia Solidária- BA (CESOL) oferece suporte na forma de recepção, exposição e venda dos produtos em locais específicos na cidade de Salvador.

A Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira foi instituída como associação no ano de 2009 e investe em uma diversificação dos produtos. É composto por 35 membros sendo apenas dois homens. Dentre os produtos que confeccionam destacam-se os potes, bonecas e utensílios de barro utilizados para cozinha em geral.

O grupo de mulheres Matrizes Africanas do Povoado Valérias estava em construção (final do ano de 2016), contudo já iniciava contatos com algumas empresas de linha de crédito, como a Associação das Cooperativas de Apoio a Economia Familiar (ASCOOB), a fim de proporcionar um financiamento para que essas mulheres desenvolvessem uma produção no grupo. As integrantes propuseram confecção de roupas íntimas, já que foram beneficiadas com duas máquinas de costura, e definiram como metas a comercialização de casa em casa e a instalação de uma barraca na feira. O grupo é composto por 30 mulheres e tem o seu surgimento ligado ao projeto Matrizes Africanas, este projeto beneficia dois povoados, Valérias e Floresta, é coordenado pelo representante do sindicato – senhor José Pereira, responsável juntamente com a Cooperativa de Serviço de Feira (COOPSER) pela elaboração da proposta.

O grupo de mulheres de Matrizes Africanas do povoado de Floresta faz parte desse mesmo projeto, na época da entrevista comemorava quatro meses de formação. As mulheres planejavam confeccionar vestimentas típicas do candomblé, já que também foram contempladas com duas máquinas de costura. O número de integrantes do grupo é de aproximadamente 30 mulheres.

A análise das falas das mulheres participantes das associações e grupos de produção do município de Heliópolis revelou que o processo de construção dos mesmos está relacionado à necessidade feminina na busca por rendimentos e por acesso a alguns benefícios oferecidos pelo governo, como cursos e políticas sociais, para os quais a formação do grupo contribui na inserção, bem como visibilidade de suas atividades e de si. A luta das mulheres rurais pautou o acesso à renda com um dos fatores fundamentais, assim como o direito à documentação, e o requerimento da sua condição como sujeito autônomo e de direitos (NOBRE; FARIA; SILVEIRA, 2005). Desta maneira é possível observar na fala da integrante de um dos grupos o que ela espera do mesmo:

A primeira coisa a melhorar é o financeiro da gente. Porque todo mundo corre atrás desse objetivo. Também você sai de casa, nós não nascemos só para estar em casa. Nós mulheres temos nossa capacidade, nosso objetivo também é conhecer coisas novas, aprender. (E.S. P, 35 anos, Agricultora, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/Valérias).

Há um desejo por ganhos financeiros, mas há também uma proposta de romper com um cotidiano circunscrito às atividades domésticas. Assim, no processo de construção e continuidade do grupo/associação destaca-se que essas mulheres passam a tecer novas perspectivas em suas vidas e percebem esse espaço como uma ferramenta de combate às desigualdades e invisibilidades sociais, o estreitamento dos laços e a sociabilidade vão ganhando importância (BRUNO et al., 2011).

Todavia, é importante atentar para as desigualdades de gênero na zona rural, as quais se associam a outras diferenças sociais, que se mostram de forma histórica quando se compara a população rural com a população urbana. Assim, ao analisar os contrastes vivenciados pelas mulheres rurais, é importante considerar a precariedade das condições de vida e de acesso à informação e políticas públicas nas zonas rurais, o que intensifica ainda mais as discrepâncias sociais (HEREDIA; CINTRÃO, 2006).

Os depoimentos das representantes dos grupos/associações revelam motivações de diferentes ordens (econômica, social, produtiva e política) na justificativa sobre a sua inserção: perspectiva de aumento da renda familiar e/ou ter sua renda própria; possibilidade de desenvolver uma atividade fora de casa; aprendizado que o grupo pode proporcionar, assim como o reconhecimento e visibilidade de suas atividades. Nobre, Faria e Silveira (2005) corroboram o que foi ilustrado anteriormente ao explicar que os movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, nos diversos sentidos (autônomos, ligados ao movimento sindical, a associações de pequenos produtores, dentre outros) desenvolve a identidade política das agricultoras no seu reconhecimento público e das atividades e autorreconhecimento enquanto trabalhadora rural.

Quanto aos discursos sobre os produtos confeccionados, chama atenção a reprodução de tarefas naturalizadas como femininas, tal qual costura e artesanato, sobre isso Lages (2007) discorre que, no Brasil Colonial, as atividades manuais estiveram associadas ao fazer feminino e era neste âmbito que elas adquiriam exclusividade quando eram costureiras, doceiras, criadas, cozinheiras ou lavadeiras, resultando por reproduzir os papéis que lhes eram concedidos tradicionalmente. Uma das mulheres da Associação Santo Dumont informa que se produz: *vagonite, pintura, croché, fuxico que já teve aqui muito, foi feito também fuxico, é, pano de prato já foi feito muito aqui, e essas bonecas também* (E.C.T, 68 anos, Presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais).

No tocante a manutenção do grupo, as entrevistadas informam algumas dificuldades encontradas. Pois, ao iniciar uma associação é preciso entender que demanda tempo para a colheita dos frutos deste investimento, além de muito esforço e dedicação. Muitas integrantes devido a suas necessidades e expectativas em obter uma renda com a comercialização dos produtos se desanimam diante da demora que

leva para isso ocorrer e acabam por se separar do grupo, o que pode ser observado na fala de uma entrevistada:

Só agora que a gente tá tendo uma dificuldade que é com pessoas (...) a gente sabe que com a associação tem que ter renda para poder conseguir que ela ande, então a dificuldade das pessoas daqui é implantar isso, que a gente tem que ter alguma renda pra que ela permaneça viva, então a nossa dificuldade maior é essa. (M.G. S, 31 anos, integrante da Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira).

Além de lidar com a espera do desenvolvimento do grupo, para assim obter uma renda fixa, as mulheres ainda têm que enfrentar a objeção de seus cônjuges à sua saída, os quais demonstram uma resistência, visto que estão acostumados a terem as suas esposas, mães e irmãs, realizando as tarefas domésticas e/ou acompanhando-os na agricultura para “ajudá-los”, uma vez que, há ainda uma influência da cultura patriarcal na vida das mulheres e dos homens por meio da construção social dos papéis de gênero, onde o público é lugar do masculino, presumindo-se que as mulheres permaneçam restritas ao espaço doméstico (SILIPRANDI, 2011). Há mudanças na dinâmica familiar, pois a mulher passa não apenas a sair mais vezes, mas também a ter consciência das desigualdades que lhes foram passadas de maneira naturalizada, e tem uma maior possibilidade de ter ciência sobre seu papel como sujeito político. Serrano (2014) em seus estudos descreve que, quando as mulheres se mostram contrárias a atos de discriminações domésticas e sociais e/ou profissionais ocorre, inevitavelmente, o confronto do qual foram aconselhadas a desviar-se. Entretanto o conflito é tolerável quando se busca novas possibilidades. *Mesmo com a resistência desses esposos que não queriam, as mulheres permaneceram fortes e fiéis ao grupo* (J.B. C, 41 anos, Professora e integrante da Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart).

### 3 | CONCEPÇÕES SOBRE O FEMININO E AS DESIGUALDADES DE GÊNERO

O conceito de gênero, ao destacar as relações sociais entre os sexos, possibilita a identificação das desigualdades que perpassam a relação entre homens e mulheres, que circundam como um de seus elementos centrais as desigualdades de poder (FARAH, 2004). As relações de poder divide o mundo entre o domínio público e privado, entre a esfera produtiva e reprodutiva. Essa divisão faz com que haja uma supervalorização das atividades realizadas pelos homens, nos espaços públicos e de produção, enquanto as mulheres têm suas atividades reduzidas, desconsideradas, por estarem circunscritas ao espaço privado e de reprodução (SERRANO, 2014). O que é bem ilustrado na fala de uma entrevistada, a qual traz a forma em que os homens são supervalorizados e as mulheres preteridas e, a necessidade delas adentrarem novos espaços:

Apesar de tudo, nós vivemos num mundo que acha que os homens são mais que nós mulheres. Nós mulheres temos nossa capacidade, nossos objetivos e que

também nós saíamos um pouco de casa também, né, conhecer coisas novas. (E.S. P, 35 anos, Agricultora, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/ Valérias).

Na agricultura familiar ocorre a separação entre os trabalhos femininos e masculinos, sendo as mulheres responsáveis pelo cuidado da casa, das crianças, dos animais e da roça, contando às vezes com o auxílio dos filhos, no entanto, sua atuação na roça é considerada como um auxílio ou extensão das atividades domésticas. A literatura corrobora a afirmação ao trazer que as tarefas cotidianas realizadas pelas mulheres se fundem com as atividades agropecuárias, e que por diversas vezes são consideradas como uma extensão dos serviços domésticos, sendo o seu trabalho produtivo na unidade familiar tido como uma “ajuda” (MÉLO, MORAES; COSTA, 2014).

Em contrapartida a inserção no grupo/associação vai proporcionar uma mudança de perspectiva acerca do seu papel na sociedade, estas passam a vislumbrar melhores condições para a sua vida, bem como a ocupação de espaços de decisão. Essas também iniciam o questionamento desse lugar que outrora lhes fora imposto, e pensar que mulher pode estar em espaços diversificados, é o que demonstra a fala de uma entrevistada:

A gente se sente mais capaz, a gente se sente que é uma pessoa importante, que a mulher tá ocupando espaços diferentes que não é só dona de casa, a gente ocupa espaços, a gente vê experiências novas... É uma forma da gente se deslocar daquilo que a gente nasceu e viu, entendeu? (M.G. S, 31 anos, trabalha na escola por contrato e é integrante da Associação de Artesãos e artesãs da Viuveira).

Heilborn (1993) salienta que o termo gênero está relacionado à construção social, isso que dizer que, sexo refere-se à caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos e a atividade sexual. No entanto, gênero diz respeito à caracterização masculina e feminina de acordo a cultura em que o indivíduo está inserido, os recursos que foram moldados ao longo do tempo, ou seja, há machos e fêmeas na espécie humana, entretanto a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura e que vai reverberar nas assimetrias de gênero.

Entretanto, esses aspectos culturais são transmitidos e internalizados de forma naturalizada e conseqüentemente refletirá no pensamento que estas mulheres têm acerca de si e de suas capacidades, isso pode ser visto no relato de algumas entrevistadas, ao dizer que muitas mulheres não se sentem capazes de executar determinadas tarefas ou até mesmo, ocupar espaços públicos.

Agora muitas vezes nós mulheres não nos damos valor, porque ficamos pensando que é porque mulher não pode ser motorista, não pode ser candidata... pode ser tudo, eu mesma já fiz todo tipo de trabalho na minha vida. (E. C.T, 68 anos, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Grupo de Mulheres de Santos Dumont).

É fundamental compreender como tais discursos/práticas foram estabelecidos, mantidos e reforçados ao longo dos anos. Para Coutinho e Menandro (2015) foi instituído um conhecimento acerca do que representa ser mulher na sociedade e, que possibilitava ao senso comum entender a realidade e dar significados a comportamentos

e atitudes, considerados relevantes para determinados contextos.

É importante salientar que as Representações Sociais não sugerem as ações dos indivíduos, de forma a coagi-los a agir de determinada forma de acordo com determinada interpretação, apenas reproduzindo-a, entretanto atuam como orientadoras para a ação, sendo as estas intimamente ligadas à ação, isto é, os indivíduos têm papel ativo nesta relação de conceito e prática (COUTINHO; MENANDRO, 2015).

Assim, é possível perceber nas falas dessas entrevistas aspectos culturais das opiniões do ser mulher em determinados espaços. A partir da Teoria das Representações Sociais de Moscovici é possível compreender como são construídas as ideias acerca dos papéis destinadas às mulheres que destoam dos que são destinados aos homens. Essa teoria, segundo Sá (1995), consiste em identificar como essas construções são formadas e como ocorre à inserção na sociedade.

Alves-Mazzotti (2000) ressalta que a discussão de Moscovici sobre representações sociais não está relacionada apenas a “opiniões” ou “imagens”, e sim constitui conceitos coletivos acerca do real, espaços que possuem uma lógica e uma linguagem própria, tem constituição de implicações baseadas em valores e conceitos que estabelece o campo das comunicações, dos valores e ideias que são compartilhadas pelo grupo e que vai influenciar nos comportamentos que são desejáveis ou não.

Nobre, Faria e Silveira (2005) destacam que a divisão sexual do trabalho encontra-se intimamente imbricada com as interpretações sociais associadas às mulheres e aos homens. Dessa forma, pode-se dizer, grosso modo, que o juízo que essas mulheres têm acerca de seu papel na sociedade são conceitos de que a mulher não pode adentrar determinados espaços, que estas nasceram para serem mães e esposas, apenas. Essas concepções são internalizadas pelo grupo e transferidas para as demais gerações, contribuindo para a continuação das desigualdades de gênero, visto que neste entendimento, o papel da mulher é secundário ao do homem.

Assim, percebe-se a importância da inserção das mulheres rurais em espaços públicos para o empoderamento das mesmas, pois a participação nessa esfera se caracteriza como uma ação política e dá um novo significado ao seu papel enquanto sujeito no espaço público e privado. Ao adentrar as esferas públicas, as mulheres passam a questionar a sua invisibilidade política, econômica e social, assim como outras tantas desigualdades (BRUNO et al., 2011).

É possível perceber, por meio das narrativas, que há dificuldades de alcance às políticas públicas, muitas não têm conhecimento acerca da existência das mesmas e quando conhecem não sabem como alcançá-las, por isso, encontra no grupo uma forma de maior facilidade de aproximação dessas políticas e de reconhecimento dos seus direitos sociais, como relata uma associada:

Começa a abrir a mente, não só a minha como de todas as outras. Até porque, às vezes você tem direito de uma coisa, mas como você não tem entendimento, não tem conhecimento daquilo ali, passa batido, você não tem como correr atrás, às vezes nem sabe que existe. (M. R. S. M, Diarista, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/ Floresta).

Para Lisboa (2008), o movimento de mulheres tem estabelecido o empoderamento no âmbito das relações de gênero e também na luta contra configuração social de subordinação das mulheres em espaços específicos, sendo o poder na perspectiva do feminismo, uma maneira de emancipação e resistências das mulheres.

Ao participarem de grupos ou de associações, as mulheres demonstram maior possibilidade de ter o poder de fala, de expor suas necessidades e suas angústias frente às desigualdades que as mesmas vivenciam o que lhes proporciona um caráter de politização e empoderamento. Lisboa (2008) identifica o empoderamento político como uma importante ferramenta, que se relaciona às representações de igualdade de mulheres em áreas de poder e decisão, sejam elas, formais ou informais, que lhes são de direito, desta forma, é possível constatar no relato da entrevistada a importância do grupo para as demais participantes, como forma de recorrer a seus direitos:

Todas elas se preocupam, né, quem é que não se preocupa com seus direitos, em buscar seus direitos que muitas vezes são negados, mas mesmo assim elas lutam buscando seus próprios direitos (através do grupo). (J.B. C, 41 anos, professora e integrante da Associação de Artesãos e Artesãs Massarandubart).

Em outro depoimento, é possível notar a importância que uma das entrevistadas atribui ao poder da expressão via narrativa, quando ela traz a necessidade das participantes se posicionarem, falar sobre seus desejos e inquietações, para que assim elas possam alcançar seus objetivos no grupo:

De vez em quando, sempre Zé Pereira [representante do sindicato] reúne, faz reunião, e sempre estou prestando atenção que não tá ainda como ele queria e eu queria também, que muitas ficam com acanhamento, chega e define, mas sai e não participa mesmo pra, é, de dizer eu quero, eu vou conseguir e eu quero saber de tudo, e eu quero dar minha opinião assim. (M. R. S. M, 44 anos, Diarista, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/Floresta).

Mélo, Moraes e Costa (2014) relatam que ocupar espaços políticos-públicos, exprimir suas ideias e realizar a fala publicamente são atitudes fundamentais no processo de autonomia e empoderamento das mulheres. Dessa maneira, o grupo se mostra como uma ferramenta importante para promover o poder de fala dessas mulheres que muitas vezes são silenciadas.

#### 4 | PRODUÇÃO E EMPODERAMENTO

No que diz respeito à produção agrícola, é sabido que as mulheres são invisibilizadas no processo produtivo, dessa maneira os grupos de produção e associações configuram-se como espaços de promoção e reparação dessa invisibilidade, pois o processo de produção possibilita poder, autonomia, reconhecimento, e conseqüentemente o empoderamento dessas mulheres, as quais vislumbram também o desenvolvimento da comunidade na qual estão inseridas, o que pode ser notado no relato da participante do Grupo Matrizes Africana/ Valérias: *Eu resolvi participar, porque são coisas novas, vamos dizer que para aprender coisas novas, coisas diferentes e vê se nós podemos*

*melhorar nossa comunidade* (E.S. P, 35 anos, Agricultora).

Outra participante atribui a importância do grupo ao acesso às políticas sociais destinadas a pessoas com baixo poder aquisitivo:

Através da associação vêm muitos, são, muitos benefícios para a gente, que é fraco, para a gente que necessita desses, desses projetos sociais, então a importância é demais. A gente participar sempre que vir um projeto social, porque a gente necessita, é mais fácil. (M.G. S, 31 anos, trabalha na escola por contrato e é integrante da Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira).

Esse acesso aos projetos sociais possibilita o desenvolvimento do grupo/ associação e das mulheres, as quais passam a sentir-se mais empoderadas. Lisboa (2008) explana que empoderamento na perspectiva feminista é um poder que afirma, revela e valoriza as mulheres; é também pré-requisito para obter equidade de gênero.

O empoderamento é uma condição *sine quo non* para esta equidade, sendo indispensável o despertar da consciência por parte das mulheres no que tange à discriminação de gênero, e que elas reconheçam que há essa desigualdade, primeiramente, entre os sexos, indignar-se com esta situação e querer mudá-la. Para se empoderar, as mulheres devem melhorar a autopercepção que tem sobre si mesmas, acreditar que são capazes de mudar suas crenças em relação à submissão e despertar para os seus direitos (LISBOA, 2008). Assim, revela uma das entrevistadas:

As mulheres são capazes de ter sua vida própria, que não depende do homem pra você ser uma mulher forte, uma mulher dedicada, uma mulher que trabalhe uma que seja dona de si, as mulheres não têm necessidade de ser submissa ao homem, e sim, ser unidas. (M.G. S, 31 anos, trabalha na escola, e participa da Associação de Artesãos e Artesãs da Viuveira).

É possível observar nos discursos das mulheres que desenvolvem atividades fora de casa uma consciência da importância que isto traz para elas enquanto sujeitos, principalmente as que têm uma trajetória de restrições familiares:

Primeiro eu comecei a trabalhar na casa de farinha como eu falei, *aí através da casa de farinha eu pensei* em trabalhar na feira, vender o que eu produzia (...) e aí tá com dois anos que estou trabalhando na feira, para mim já foi uma vitória. (E.S. P, 35 anos, Agricultora, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/Valérias).

Elas demonstram também que a satisfação do trabalho está para além das questões econômicas, a sociabilidade está presente nos relatos, todavia essas mulheres ainda percebem sua saída de casa como uma ousadia, por ter em sua concepção de representação acerca do papel de mulher como aquela que cuida da casa, do marido e dos filhos e “ajudando-o” na roça, quando é preciso. *Eu sou um pouco atrevida das mulheres daqui*. (E.S. P, 35 anos, Agricultora, Grupo de Mulheres Matrizes Africanas/Valérias).

## 5 | MOVIMENTOS DE MULHERES

Apesar da presença feminina não aparecer historicamente nas lutas e nos

movimentos sociais, a trajetória de movimentos específicos de mulheres trabalhadoras rurais ainda é recente, mas é possível perceber mudanças quando comparada ao período anterior, salientando as questões que foram primordiais que estão na gênese dos movimentos sociais, dentre elas destaca-se, a necessidade de ser reconhecida como trabalhadora rural, e não apenas dona de casa; aqui não se fala de trabalho, não era isso que faltava às mulheres, mas reconhecimento de sua importância na produção; a luta por direitos sociais, entre eles à aposentadoria e salário maternidade e o direito a sindicalização, assim como o direito a titulação das terras, as quais eram apenas no nome do marido (HEREDIA; CINTRÃO, 2006).

Carneiro (1994) ressalta que a partir da década de 1980 é que começam a serem delineados alguns movimentos de mulheres rurais por questões específicas. Isso não quer dizer que tais sujeitos não estivessem presentes em lutas anteriores, travadas por camponeses e trabalhadores rurais, mas o que ocorre é uma mudança na posição dessa participação. Pois até então o que havia era uma coparticipação das mulheres nos movimentos através dos maridos ou outros familiares. Foi o que aconteceu com Margarida Alves e outras mulheres. Estas assumiram a liderança após o falecimento dos seus esposos, encarregaram-se, então do compromisso de dar seguimento às lutas, em uma forma de demonstração de capacidade e coragem que divergiam do que lhes era atribuído: de mulher que deveria estar apenas no espaço privado, cuidando da casa e dos filhos (CARNEIRO, 1994).

Os principais motivos que estão na gênese dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, são em especial, o reconhecimento da profissão de agricultora, a luta pela aposentadoria e salário maternidade; e o direito a sindicalização, assim como a titulação de terras não ser apenas no nome do homem, mas do casal (HEREDIA; CINTRÃO 2006).

No ano 2000 ocorreu uma mobilização nacional de mulheres, a (primeira) Marcha das Margaridas, com o tema, “Contra a fome, pobreza e a violência sexista”, este movimento reuniu 10 a 20 mil mulheres. A partir da primeira edição as Marchas das Margaridas passaram a ser vistas como um marco por colocar diretamente em negociação, as antigas e novas reivindicações dos movimentos de mulheres rurais. A marcha se mostra importante por promover a presença de diversas mulheres em discussão sobre a temática de gênero, visto que geralmente sindicatos e associações se preparam para esse movimento realizando reuniões e seminários (HEREDIA; CINTRÃO, 2006).

Atualmente ainda se reivindica a necessidade de uma maior participação das mulheres nos âmbitos/espços de deliberações de poder, para que possa ocorrer a autonomia feminina. Lisboa (2008) salienta a relevância da participação para que se possa estabelecer políticas e práticas de desenvolvimento que abarque as necessidades básicas das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das lutas travadas por diversas mulheres em busca de melhorias para a condição feminina, foram implantadas políticas públicas na perspectiva de reparar as desigualdades que perpassaram e ainda perpassam as suas vidas. Carneiro (1994) destaca que diferente do primeiro momento no qual as reivindicações eram relacionadas às questões sociais enfrentadas pelos trabalhadores rurais, no segundo momento as reivindicações femininas estavam direcionadas para sua realidade enquanto mulher, estas buscavam um reconhecimento na produção familiar e na qualidade de trabalhadoras assalariadas, e para alcançar essas demandas necessitavam de terra para plantar e/ou salários de qualidade, essas reivindicações foram importantes para dar visibilidade ao seu papel de agente na unidade familiar.

Dessa forma, no processo de pesquisa pôde-se constatar que quando estão em grupos ou até mesmo no processo de construção dos mesmos, às mulheres têm uma mudança acerca do seu papel na sociedade, enxergam-se mais fortes e com maiores possibilidades de atingir os seus objetivos. Contudo, na implantação e manutenção de grupos as mulheres enfrentam diversos obstáculos, principalmente no tocante ao acesso as políticas públicas, pois as mesmas ainda são desconhecidas para muitas delas, o que demonstra a necessidade de tornar essas políticas mais acessíveis a essa população. Sales (2007) destaca que o campo político é atravessado pelas desigualdades sociais, pontua a falta de oportunidade para as mulheres e diferente do que institui no imaginário social não se trata de ausência de competência, uma vez que elas atuam em questões sociais e conquistam espaços. Esta autora ressalta também, que muitos movimentos buscaram mobilizar as mulheres rurais sobre os seus direitos e conquista de espaço social, porque um dos problemas era justamente a ausência de conhecimento acerca dos seus direitos.

Foi possível observar a partir das falas das entrevistadas, que há, ainda que de forma sutil, uma consciência sobre as discrepâncias das oportunidades para homens e mulheres, e como o grupo pode atuar na redução dessas desigualdades o que confere um caráter de empoderamento, autonomia e politização.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda. Judith. **Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação**. In: CANDAU, V. M. (Org). Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 10, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

BRUNO, Regina et al. Organização produtiva das mulheres assentadas da reforma agrária. In: BUTTO, Andrea et al. Autonomia e Cidadania: Políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. p. 55-86.

CARNEIRO, Maria José. **Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Aguas de São Pedro, jun. 1994. p.11-22.

- COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos; MENANDRO, Paulo Rogério Meira. **Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional.** *Psicologia e Saber Social*, v. 1, n. 4, maio 2015. p.52-71.
- FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. *Estudos feministas*, v. 12, n. 1, 2004. p. 47-71
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e Hierarquia. A Costela de Adão Revisitada. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 50, jan. 1993. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15989/14485>>. Acesso em: 15 out 2018.
- GONZALEZ, Débora de Fina. **Políticas laborais de igualdade de gênero: o Programa Pró-Equidade de Gênero no Brasil.** In: II SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2011, Londrina. *Anais...*Londrina, 2011. p. 1 - 12.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de; CINTRÃO, Rosângela Pezza. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. *Revista Nera*, Presidente Prudente, n. 8, jun. 2006 p.1-28.
- LAGES, Sônia Regina Corrêa. **Mulheres na encruzilhada. Encontros e desencontros no discurso de mulheres possuídas pela entidade da Pomba-gira Cigana na Umbanda.** 2008. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro.
- LISBOA, Teresa Kleba. **O Empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais.** *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, ago. 2008.
- MÉLO, Anastácia Brandão de; MORAES, Lorena Lima de; COSTA, Michelly Aragão Guimarães. **Grupo de Mulheres Rurais “RECICLARTE”: a fuga do cotidiano.** In: *REDOR*, 18., 2014, Recife. *Anais....* Recife, 2014.
- NOBRE, Míriam; FARIA, Nalu; SILVEIRA, Maria Lúcia. **Feminismo e Luta das Mulheres: análises e debates.** SOF: São Paulo, 2005.
- SALES, Celecina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Revistas Estudos Femininos*, Florianópolis, v. 15, n. 2, ago. 2007. p. 437-443.
- SÁ, Celso Pereira de. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria.** In: SPINK, Mary Jane. (Org). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.* São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SERRANO, Julia Scaglioni. Mulheres da Borborema construindo a agroecologia e a igualdade de gênero. *Bananeiras: UFPB*, 2014, p. 138,
- SILIPRANDI, Emma. Pobreza Rural, agricultura e segurança alimentar: os muitos caminhos do empoderamento das mulheres. Sessão da Comissão Sobre o Status das Mulheres (CSW) DA UN WOMEN, v. 55, p. 2011, 2011.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-165-7

